

O samba é protagonista: a força do gênero musical como mediação no programa *Esquenta!*¹

Filipe MONTEIRO LAGO²
Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, MG

Resumo

Em pesquisa anterior, na qual estudamos os modos de representação da cultura popular no programa televisivo *Esquenta!*, notamos que o programa confere ao samba um papel privilegiado em relação a outros gêneros musicais que ali têm lugar. A partir do que diz Martín-Barbero (1997), enxergamos o gênero musical como uma mediação e, a partir disso, o nosso esforço neste artigo é encontrar quais temas são ancorados ao samba, de modo a justificar o seu protagonismo musical no *Esquenta!*. Buscamos, ademais, refletir sobre como a ideia de mediação pode ser rica para se pensar o conceito de gênero musical, ao ponto que, na condição de categoria cultural, este desempenha um importante papel nos processos comunicacionais.

Palavras-chave: gênero musical; mediação; cultura popular; samba; *Esquenta!*.

Desde que o samba é samba

Vinicius de Moraes, em uma de suas composições mais famosas³, reconhece na Bahia o espaço geográfico de nascimento do samba. As raízes desse gênero musical estão, de fato, associadas aos primeiros movimentos diaspóricos de povos africanos em direção ao Brasil. A partir daí, o samba se expande em território nacional e passa a ganhar sonoridades e variações estéticas específicas de acordo com as formas com que foi apropriado em diferentes cantos do país. Desta forma, o gênero ganhou ramificações em estados como Pernambuco, Minas Gerais e São Paulo, lugares onde exerceu grande influência em ritmos populares regionais. O samba, entretanto, alcança uma dimensão outra – a de elemento constitutivo da identidade nacional brasileira – quando passa a ocupar os espaços urbanos cariocas. Foi no Rio de Janeiro que se estabeleceu a mais forte e reconhecida cena musical

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação, Música e Entretenimento do XV Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Minas Gerais, graduado em Jornalismo pela Universidade Federal de Ouro Preto, integrante do Grupo de Pesquisa em Imagem e Sociabilidade (GRIS) e do Grupo de Pesquisa em Mídia e Interações Sociais (GIRO), email: filipemonteiro@outlook.com.

³ Fazemos referência à canção *Samba da Bênção*, assinada por Vinicius de Moraes e Baden Powell.

em torno do samba e é deste lugar de fala que construímos nosso preâmbulo para tratar deste gênero musical.

Na virada do século XIX para o século XX, a então capital do Brasil foi palco de grandes mudanças econômicas e sociais. O fim da escravidão ainda era um acontecimento recente e grande parte da população negra recém liberta se estabelecia nos centros urbanos, na mesma medida em que o desenvolvimento industrial crescia em velocidade elevada. Esse crescimento urbano desordenado e a desigual distribuição de renda incidiu na formação de vilas, cortiços e favelas. Foi nesses espaços que o samba carioca se alicerçou e, a partir dali, popularizou-se.

A internacionalização do samba e sua elevação enquanto símbolo nacional se deu, segundo Hermano Vianna (2004), em função da busca de uma elite intelectual por destacar práticas culturais brasileiras na construção de uma identidade nacional. O momento decisivo neste esforço ocorreu, conforme diz o antropólogo, em 1926, durante um encontro apelidado de “noitada de violão”. Na ocasião, encontraram-se algumas personalidades, tais como: Gilberto Freyre, Sérgio Buarque de Holanda, Pixinguinha, Donga e Patrício Teixeira. “De um lado representantes da intelectualidade e da arte erudita, todos provenientes de ‘boas famílias brancas’. Do outro lado, músicos negros ou mestiços saídos das camadas mais pobres do Rio de Janeiro” (VIANNA, 2004, p. 20).

Esse gênero musical forjado em meio a fortes embates e desigualdades sociais e raciais foi pouco a pouco ocupando outros espaços e ganhando projeção midiática. Grande parte dessa visibilidade é atribuída à ligação entre o samba e o carnaval, bem como ao momento em que o gênero passa a incorporar a programação musical das rádios e, em seguida, ocupar outras mídias como o cinema, a televisão e o teatro. Daí então, o samba passa a integrar outros estilos, sofrer diferentes apropriações e absorver outros significados. Nascem, por exemplo, o samba-rock, o samba-reggae, o pagode e, frente aos cíclicos processos valorativos de diferenciação, o samba de raiz assume-se enquanto denominação “pura” do gênero.

A partir do que diz Jason Mittel (2004) acerca do conceito, o gênero é compreendido aqui como uma categoria cultural. Esse entendimento nos posiciona diante de uma chave profícua para pensar os processos de interação entre diversos dispositivos e a cultura. Durante a organização de nosso aporte teórico, julgamos de grande valia relacionar a perspectiva do autor norte-americano às contribuições de Jeder Janotti Junior (2003,2004), uma vez que nossa análise se desenvolve em torno de um gênero musical – e não televisivo,

por onde caminha a pesquisa de Mittel (2004). A reflexão de Janotti Junior se mostra indispensável nessa análise na medida que reconhece os aspectos comunicacionais e os processos de reconhecimento, sociabilidade e valorização presentes nos gêneros musicais.

Diante disso, a análise que propomos fazer neste artigo visa encontrar quais temas são comumente acionados a partir da associação com o samba no programa televisivo *Esquenta!*. Buscamos olhar para o papel de destaque atribuído a esse gênero no programa, visto que, ancorada a ele, está uma série de mediações (MARTÍN-BARBERO, 1997) que orienta o argumento do *Esquenta!*.

Bateria arrebenta, todo mundo comenta

Colocar um Esquenta! todo domingo no ar é quase como colocar uma escola de samba na avenida.

Regina Casé

O programa *Esquenta!*, resultado de um projeto idealizado pela apresentadora Regina Casé em parceria com Hermano Vianna, é exibido dominicalmente na faixa das 13 horas da Rede Globo de Televisão. O *Esquenta!* foi ao ar pela primeira vez no segundo dia de 2011, compondo a grade de programação especial de verão daquele ano. Em virtude da boa aceitação de público e de índices de audiência satisfatórios, o programa foi renovado para uma temporada ao longo do ano inteiro e assim se seguiu até o presente momento.

Em cada emissão semanal, o *Esquenta!* apresenta um tema a ser debatido, que orienta não somente a discussão e a escolha de personalidades para compor a roda. Ele está presente no cenário, no figurino de todos os componentes do programa e também no repertório dos músicos – aspecto de grande relevância para a análise aqui proposta.

Ao longo de quase cinco anos de duração, o programa *Esquenta!* vem assumindo um caráter experimental no qual se propõe a fazer mudanças estruturais com mais frequência do que outros programas do gênero. Dentre as mais perenes características do programa, podemos observar a permanência do formato roda de conversa com um auditório participativo; a presença de assistentes de palco composto por um grupo de coreografia infantil, um grupo de dançarinas e o Bonde da Madrugada; a participação fixa de cinco cantores de samba – Arlindo Cruz, Leandro Sapucahy, Mumuzinho, Péricles e Xande de

Pilares –, dos comentaristas Alê Youssef e José Marcelo Zacchi, de dos atores Douglas Silva e Luis Lobianco e da vlogger Luane Dias.

Suas emissões, geralmente gravadas com um mês de antecedência em relação ao dia de exibição, são filmadas por inteiro para que, em seguida, sejam editadas. O resultado disso é um material condensado com duração média de uma hora permeado por muitos cortes e transições abruptos. Esta dinâmica de gravação abre espaço para a utilização do improviso em larga escala. Assim, ainda que o programa apresente um roteiro fixo que, por sua vez, agrupa os quadros e os momentos de fala dos entrevistados, Regina Casé e seus convidados não perdem a oportunidade de criar um samba a partir de cada palavra que ali é dita.

Ancorado no desafiador objetivo de unir o que o mundo separa, o programa *Esquenta!*, como Regina Casé faz questão de afirmar em diversas edições, propõe-se a funcionar como espaço propício para o compartilhamento cultural, justificado em uma palavra simples e elucidativa: a mistura. Desta maneira, a construção discursiva do *Esquenta!* parte do pressuposto de que, ainda que façam parte de grupos culturais e sociais diferentes, as pessoas – representadas na figura de seus convidados, selecionados de acordo com a pertinência sobre o tema da vez – sempre podem compartilhar alguma experiência umas com as outras.

Frente a essa proposta e da busca estratégica por uma organização narrativa a partir de uma dinâmica aberta de gravação, Regina Casé assume o papel central de conduzir os diálogos, as performances e outros momentos de fala construídos no programa. Diante disso, observa-se uma série de interlocuções entre pessoas variadas de lugares de fala diversos. Tais falas, entretanto, são bem posicionadas pela apresentadora, que intervém e, sutilmente, aponta os espaços para cada uma.

Este posicionamento assumido por Regina Casé não é exclusividade do *Esquenta!*, visto que a apresentadora já se articulava de maneira similar em programas anteriores, como o *Central da Periferia*, o *Brasil Legal* e o *Muvuca*. O que é singular no *Esquenta!*, a partir disso, é a maneira peculiar com que tematiza práticas culturais. Ao contrário do que se pode observar em projetos televisivos anteriores, Regina Casé convida grupos de pessoas – celebridades ou não – a uma arena, onde são estimulados a interagir entre si dialogar com outras pessoas de diferentes regiões e cenas culturais.

Conforme o imaginário popular construído em torno da figura de Regina Casé, a perspectiva a partir da qual se busca apresentar as práticas culturais pode ser observada em

todos os elementos do programa. O uso de cores e motivos festivos nos figurinos e cenários conota a proposta de funcionar como um espaço propício para a fruição e a celebração. Essa ideia, exposta desde o título do programa, sugere que as interações estabelecidas durante cada emissão sejam análogas às de um aquecimento festivo. Uma comemoração dessa natureza não poderia ser representada por completo, senão com a presença proeminente da música.

Ao longo das três emissões analisadas nesta pesquisa, observamos que a música desempenha um papel fundamental na organização do programa e na orientação do caminho por onde percorrem os debates ali engendrados. Visto que a “ala musical” do *Esquenta!* é composta apenas por músicos que cantam samba e convidados sambistas são uma constante no programa, percebemos que esse gênero musical tende a ser convocado em demasia, se comparado a outros.

Diante do protagonismo que o samba desempenha frente aos demais estilos musicais, buscamos analisar a força deste gênero enquanto mediação central no programa *Esquenta!*. Neste trabalho, pretendemos localizar quais temas são acionados a partir do gênero e problematizar os dissensos e conformidades que esta peculiaridade apresenta quando se ampara na promessa da mistura cultural.

Ao organizar o *corpus* de análise, procuramos localizar, na mais recente temporada concluída do programa, emissões que melhor representassem suas regularidades, ao passo que também trouxessem elementos significativos para localizar as mediações regularmente atreladas ao samba. Assim, selecionamos as seguintes emissões do programa: 1) o *Esquenta!* especial de Páscoa, exibido no dia 20 de abril de 2014; 2) o *Esquenta!* especial sobre o trabalho, exibido no dia 04 de maio de 2014; 3) o *Esquenta!* especial sobre os anos vinte, exibido no dia 07 de setembro de 2014.

Figuras de bombons, barras de chocolate e outros tipos de doce foram os principais adornos no cenário e no figurino dos dançarinos presentes na emissão especial sobre a Páscoa. O programa propôs abordar o feriado a partir das diferentes maneiras de comemorá-lo. Desta maneira, os convidados da vez foram estimulados a compartilhar experiências e costumes familiares e regionais na celebração da data comemorativa.

O *Esquenta!* especial sobre o trabalho buscou fazer uma homenagem ao povo trabalhador brasileiro. Em meio a um cenário composto por engrenagens em movimento, as celebridades convidadas e os integrantes do programa comentaram sobre a rotina nos empregos que tinham antes da fama. Em seguida, Regina Casé convocou o jornalista

Leonardo Sakamoto para problematizar a permanência do trabalho escravo e infantil no Brasil. Após intercalações de atrações musicais, o debate seguiu abordando o valor do trabalho para o ser humano.

Os convidados presentes no *Esquenta!* especial sobre os anos vinte foram a cantora Pitty, a jornalista Fernanda Gentil, o cantor Beto Barbosa e o grupo musical *Bonde TNT*. A alusão à elegância da moda da década de 1920 conduziu a ornamentação do programa, cuja plateia foi instruída a se vestir, segundo Casé, “como se fosse para uma festa”. Na ocasião, Regina Casé relaciona os movimentos vanguardistas da cultura dos anos vinte com o cenário em que se encontram os movimentos culturais contemporâneos.

De que lado você samba?

Iniciamos nossa reflexão resgatando a relevância dos estudos culturais na reconfiguração do modo de enxergar a cultura e por pensá-la dentro de uma vasta situação comunicacional. Interessados inicialmente em compreender “as culturas vivas, as práticas e as instituições culturais e suas relações com a sociedade e as transformações sociais” (GOMES, 2004, p. 103), os estudos culturais surgem numa Inglaterra de fortes transformações sociais. O aumento significativo do consumo de bens e produtos midiáticos pela classe operária chamou a atenção de alguns estudiosos cujo esforço instaurou uma nova maneira de se pensar a cultura. Ao conceituar cultura como um modo integral de vida – perspectiva de fundamental relevância para se pensar as interações no programa *Esquenta!* –, Raymond Williams oferece subsídios para outras matrizes conceituais.

Na América Latina, os estudos culturais adquirem outros contornos e encontram em Jesús Martín-Barbero a referência de maior relevância. No movimento de ampliar o olhar em relação aos meios e buscar compreender as tramas comunicacionais como mediações, Martín-Barbero (1997) propõe uma chave de entendimento em que a cultura, a comunicação e a política como linhas que, por estarem em constante atravessamento, constituem uma trama capaz de mediar os diversos processos comunicacionais.

Martín-Barbero não apresenta uma definição clara para o conceito de mediação, mas a compreende como um processo, inscrito no terreno da cultura, através do qual são associadas outras mediações, formas simbólicas, representações e sentidos. Por meio de sua reflexão em torno das mediações, o autor procura enxergar as relações entre as matrizes culturais, lógicas de produção, formatos industriais e as competências de consumo presentes

dos processos comunicacionais. Dessa forma, mediação passa a referir-se a um conceito relevante para se pensar os diversos cruzamentos comunicacionais e que possibilita, assim, encontrar as interações estabelecidas entre os processos de produção e recepção da comunicação.

Sob a égide proposta por Martín-Barbero para pensar as mediações, nossa análise se volta para o samba, entendido aqui como gênero musical protagonista no programa *Esquentar!*. É possível pensar a força do gênero como mediação, a partir do entendimento de Martín-Barbero, que o compreende, antes de tudo, como uma estratégia de comunicabilidade. A noção de gênero é comumente evocada para se referir à organização e tipificação de uma série de produtos midiáticos. Essa perspectiva é problematizada pelo teórico norte-americano Jason Mittel que também parte dos estudos culturais para desenvolver sua reflexão em torno do conceito. Segundo o autor, o gênero deve ser entendido como um processo comunicativo que organiza nossas experiências midiáticas em categorias que interagem com conceitos como valor cultural, provável audiência e função social (MITTEL, 2004). O gênero, nesse sentido, deixa de assumir uma função meramente textual. À luz da perspectiva de Mittel, considera-se a relevância do gênero enquanto uma categoria cultural.

Por compreender os gêneros como “produtos culturais constituídos por práticas midiáticas e sujeito a mudanças e redefinições contínuas” (MITTEL, 2004, p. 1), o autor aponta a necessidade em delinear uma conceituação e uma metodologia para analisá-los. O autor, assim, aponta três elementos para compreender a constituição do gênero, a saber: definição, interpretação e avaliação. A chave metodológica para se pensar o gênero está, Mittel no entrelaçamento entre essas três instâncias. Para o autor,

as práticas culturais de definição, interpretação e avaliação são as três primordiais maneiras com que o gênero circula e se torna culturalmente manifesto, assim, essas práticas devem ser os objetos de estudo centrais da análise de gênero (MITTEL, 2004, p. 16).

A partir do que diz Mittel é possível compreender que à noção de gênero estão atreladas válidas contribuições para a análise empreendida neste trabalho. Para que tratemos da potencialidade mediadora do samba, é preciso ir mais além e buscar amparo em propostas teóricas para a compreensão do que é gênero musical. Buscando olhar para a força da delimitação de gênero na organização de sentidos que atravessam as obras musicais, Jeder Janotti Junior (2003), é dialógico com Mittel quando afirma que os “gêneros não são demarcados somente pela forma ou ‘estilo’ de um texto musical em

sentido estrito e, sim, pela percepção de suas ‘formas’ e ‘estilos’ pela audiência através das performances pressupostas pelos gêneros” (JANOTTI JUNIOR, 2003, p. 37).

Dessa forma, a proposta do autor é que olhemos para os gêneros levando em conta as relações econômicas de produção e consumo, os processos de valorização em que está inscrito, o gosto e a experiência da audiência, que, segundo Janotti, não deve ser reduzida a sensações, tampouco assumida como uma entidade abstrata, cuja posse pertence a um determinado grupo – o autor destaca a noção de brasilidade como exemplo (JANOTTI JUNIOR, 2004, p. 199).

Para que seja possível operacionalizar a análise pretendida neste artigo, destacamos o que diz Denise Jodelet (2001) em relação ao conceito de representação, a partir do qual buscaremos encontrar os principais sentidos associados ao samba no programa *Esquenta!* de modo a conferir destaque a esse gênero. A autora diz que a criação de representações ocorre da busca pelo conhecimento e pela compreensão do mundo à nossa volta. As representações são, dessa forma uma profícua maneira de dar sentido e definição ao mais variados momentos que vivemos na realidade cotidiana. Quando essas experiências do dia a dia passam a ser representadas, podemos compreender que essas experiências são mediadas pelas representações. Assim, é possível propor junto a elas elos de identidade e desenvolver posicionamentos frente ao objeto representado relacionando-o com a realidade que o originou e sobre a qual diz.

Diante dessa fundamentação teórica, buscamos em nossa análise encontrar as mediações associadas ao samba no programa *Esquenta!*. Compreendemos esse gênero musical como uma importante mediação, frente ao espaço de destaque atribuído a ele no programa televisivo em voga. Voltamos nossa atenção para as interações entre Regina Casé, seus convidados e os demais integrantes do programa articuladas de modo a conferir diferentes sentidos ao samba. A partir daí, buscamos refletir acerca do seguinte problema: quais são as principais mediações associadas ao samba de modo a conferir protagonismo a este gênero musical no programa *Esquenta!* e como esta escolha preferente pode dizer da concepção vigente de cultura popular brasileira?

Você samba de que lado?

Fizemos, no início deste artigo, uma breve apresentação dos caminhos percorridos pelo samba e as circunstâncias que o elevaram a elemento constitutivo do plano de

identidade nacional. Essa carga de sentido permanece atual e se mostra de grande relevância dentre os lugares construídos para o samba no *Esquenta!*. Isso pode ser observado na fala de abertura de Regina Casé durante a emissão especial sobre a Páscoa. A apresentadora explica o surgimento do chocolate narrando hábitos culturais da civilização asteca. Quando faz referência à celebração feita pelos astecas para cultuar Quetzalcóatl, o deus do cacau, Regina Casé propõe uma associação ao gênero musical em voga: “essa festa era tipo a roda de samba deles. Só que em vez de churrasquinho e de cerveja, eles comemoravam com chocolate” (CASÉ, 2014).

Nessa fala e em outras que apresentaremos neste trabalho, Casé propõe uma aproximação entre duas culturas diversas por meio de práticas culturais eminentes. Ao buscar associar uma celebração popular de uma antiga sociedade estrangeira a celebrações tipicamente nacionais, a apresentadora recorre de imediato à roda de samba, presente em diversos bairros cariocas e rara, todavia, em outras tantas cidades brasileiras.

Dentre os convidados presentes nesta mesma emissão do programa, estava a Comunidade Eslava de São Paulo. Diante do afinco em traçar paralelos entre a “cultura de lá” com a “cultura de cá”, Regina Casé apresenta diversos hábitos e tradições culturais de famílias de diferentes localidades. Na ocasião em questão, a apresentadora explica os hábitos particulares de quem celebra a páscoa no Leste Europeu e, portanto, convoca uma das integrantes do grupo convidado para um diálogo. Ao dirigir-se à russa Irina, Casé sugere uma relação de similaridade entre o povo russo e o povo brasileiro.

Regina Casé: todo mundo diz que o povo russo parece muito com o povo brasileiro. É animado, gosta de festa, de dançar, de pular, de se divertir. Concorda, Irina, que a gente é parecido, o brasileiro e o russo?

Irina: na dança, sim.

Regina Casé: a Irina me confidenciou uma coisa.

Irina: adoro samba! A primeira vez que escutei samba foi na Rússia. Samba de Janeiro!

(*Esquenta!* especial de Páscoa, 2014)

Logo em seguida, todos os integrantes do programa tentam lembrar qual seria a música a qual Irina faz referência. A convidada Glória Maria começa a cantarolar junto com a russa, até que Arlindo Cruz, Péricles, Xande de Pilares e Mumuzinho improvisam uma letra de samba em meio a *lailaiás* para que Irina entre na roda.

Uma outra, e muito recorrente, maneira de atrelar ao samba a ideia de forte elemento da identidade nacional é por meio da associação com artistas que são valorizados pela crítica especializada. Na emissão especial sobre os anos vinte, o samba-enredo *Paulicéia*

*Desvairada*⁴ é convocado logo após Regina Casé explicar a importância cultural da semana de arte moderna, representada na ocasião pela pintura *Abaporu* de Tarsila do Amaral. Essa noção também pode ser percebida na emissão especial sobre o trabalho, enquanto Regina Casé e o comentarista Alê Youseff comentam o caráter vanguardista das obras do cantor Tom Zé.

“Tom Zé é um dos maiores cantores, compositores e experimentadores da música no Brasil. Eu quero muito barulho no *Esquentar!* pra ele!” (CASÉ, 2014). Após uma salva de aplausos da plateia, a relevância dada ao cantor busca amparo de valor cultural no samba. Alê Youseff faz referência ao álbum *Estudando o Samba*, lançado em 1976 pelo cantor e desprezado pela crítica nacional e valorizado pela crítica internacional.

Alê Youseff: No meio dos anos 80, o David Byrne, que é um músico famoso, veio ao Rio de Janeiro, encontrou esse disco *Estudando o Samba* e ficou completamente encantado. David Byrne pegou esse disco e lançou Tom Zé nos EUA. Foi um sucesso incrível de público e de crítica e o Tom Zé voltou à cena com tudo e arrebou. Isso é maravilhoso!
(*Esquentar!* especial sobre o trabalho, 2014)

A segunda regularidade que observamos no programa *Esquentar!* é a constante ideia de pensar o samba como gênero autorizado a ambientar, narrar e representar as atividades e práticas cotidianas do povo brasileiro. Podemos perceber a força desse valor na inauguração do quadro *Batendo o Ponto*, que propõe convidar, a cada edição, trabalhadores de variadas profissões para relatar experiências da rotina. A emissão sobre o trabalho, foram convidadas Creuza e Dorotéia, duas atendentes de estações de pedágios rodoviários. Após as duas mulheres apresentarem suas tarefas diárias e compartilharem casos cômicos que presenciam durante o horário de trabalho, Regina pede que Mumuzinho cante a música *Tá Combinado*, justificando que Creuza e Dorotéia são fãs do sambista e o escutam durante o serviço.

O programa faz uso do samba enquanto representação de práticas diárias com mais veemência em outro momento da emissão sobre o trabalho. O samba aparece como fechamento da fala do jornalista Leonardo Sakamoto, que debateu sobre os regimes de trabalho desiguais e a desvalorização de determinadas categorias de trabalhadores em detrimento de outras. O jornalista diz que gostaria de ver trabalhadores explorados e tomados como invisíveis, a exemplo dos garis, sendo tratados como qualquer outro profissional. Diante disso, Regina Casé mostra o grupo de garis, que acompanha toda a

⁴ O samba-enredo do Grêmio Recreativo Escola de Samba Estácio de Sá foi composto para o carnaval de 1992 em homenagem aos 70 anos do modernismo.

gravação do programa em uma estrutura de camarote ali construída, enquanto Arlindo Cruz e Xande de Pilares cantam a música *Meu Nome é Trabalho*⁵.

Talvez por sua história de origem e o seu estabelecimento nos bairros periféricos cariocas permanecerem como forte referência para se pensar o samba, no programa *Esquenta!* esse sentido é evocado como forma de tematizar o gênero musical. Ao longo das emissões analisadas e, sobretudo na emissão especial de Páscoa, o samba é atravessado pelo sentido de pertencimento ao espaço social de origem.

A partir disso, observamos que é comum que tanto a fala da apresentadora quanto as falas dos demais sejam construídas de modo a afirmar esse pertencimento ou, de alguma forma, problematizar algum tipo de negação a ele. Quando esse sentido atravessa o samba no programa *Esquenta!*, ao gênero musical é atribuída a ideia de pertencimento quase inalterável, para o qual o deslocamento é uma ameaça. Acerca desse aspecto, Regina Casé destaca uma das composições do Grupo Bom Gosto. A letra da música *Nega Boy*, segundo a apresentadora, “fala dessa nega que nega as origens e só quer saber de Leblon, Ipanema, Temaki e Cinema” (CASÉ, 2014).

Grupo Bom Gosto:

*Quê que deu nessa nega que nega a raiz
Que não samba na palma da mão
Me falaram que essa nega só quer sombra e água fresca
Só quer gringo e voar de avião
Mete marra no asfalto, dá piti, fala alto
E na praia arruma confusão
Só Leblon, Ipanema, temaki e cinema
E agora desce até o chão
Imagina só se eu caso com ela
Eu já tinha quatro filhos e cinco pensão
Oh nega, lalaia
Quem te viu e quem te vê lalaia
Tô bolado pra valer
Foi só Deus te dar poder
Pra tu mostrar quem é você
(*Esquenta!* especial de Páscoa, 2014)*

Essa noção de pertencimento é ainda destacada por Regina Casé ao destacar a importância em manter as origens. A apresentadora diz que seus convidados e colegas de palco na emissão sobre a Páscoa são “suburbanos assumidos”. Regina Casé pergunta a cada um deles, então, de onde vieram como modo de reforçar esse pertencimento. O surfista Pedro Scooby logo fala: “Eu sou Curicica na veia!” (SCOOBY, 2014). A apresentadora pergunta ainda à jornalista Glória Maria o local onde cresceu no Rio de Janeiro. Quando

⁵ A música assinada por Arlindo Cruz narra os apuros de um homem em busca de emprego enquanto descreve suas experiências profissionais anteriores.

Glória Maria responde que foi criada entre Oswaldo Cruz e Madureira, a plateia se acaba em palmas e o cantor Arlindo Cruz aproveita a deixa para relacionar o tema a um grande sucesso de sua autoria, a música *Meu Lugar*.

Arlindo Cruz:

*O meu lugar
É caminho de Ogum e Iansã
Lá tem samba até de manhã
Uma ginga em cada andar
O meu lugar
É cercado de luta e suor
Esperança num mundo melhor
E cerveja pra comemorar
O meu lugar
Tem seus mitos e Seres de Luz
É bem perto de Oswaldo Cruz,
Cascadura, Vaz Lobo e Irajá
O meu lugar
É sorriso é paz e prazer
O seu nome é doce dizer
Madureira, lá laiá, Madureira, lá laiá*

Glória Maria: (após ter sambado enquanto Arlindo Cruz cantava) eu fui criada na casa da minha avó Alzira, que morreu com 104 anos, então as minhas lembranças eram aquelas ruas comunitárias. Todo mundo vendo televisão numa casa só, subindo na árvore, pegando baba-de-boi no pé. A minha avó fazia roda de samba no quintal, então as minhas lembranças até 10,12 anos são essas. Raízes suburbanas de verdade.

(*Esquenta!* especial de Páscoa, 2014)

Essa associação entre o samba e a noção de pertencimento é cara ao programa *Esquenta!*, uma vez que a discussão centro-periferia é o eixo de um esforço conjunto de pesquisa entre Regina Casé e Hermano Vianna durante anos de parceria. Nessa emissão analisada, quando a Glória Maria e os demais convidados param de sambar, Regina Casé junto ao comentarista José Marcelo Zacchi debatem essa questão e comparam o significado de subúrbio no Brasil ao de outros países.

De todos os sentidos associados ao samba, o que talvez seja o mais importante para os fins desta análise é o da mistura. A busca por funcionar como um espaço de confluência de diversas práticas culturais é o objetivo central do *Esquenta!*. Por isso, há o incentivo de que essas práticas interajam entre si e busquem pontos de encontro. Quando assiste ao programa, por exemplo, não é estranho que a audiência se depare com cantores de universos completamente diferentes interagindo entre si.

Conforme abordamos anteriormente, a mescla que o programa se predispõe a fazer está intimamente ligada ao mote central do *Esquenta!*, cujo argumento se baseia na ideia de que cada emissão funcione como uma celebração em que diferentes práticas culturais tem espaço para se misturarem. Vemos portanto cantores de rap em dueto com cantores de

arrocha, assim como cantores de MPB junto com bandas pernambucanas de forró-brega. No *Esquenta!*, a mistura é um valor que pode estabelecer relações entre os mais diversos gêneros musicais. Não podemos ignorar, todavia, que, dentre os demais gêneros, o samba ocupa o indubitável lugar de protagonista.



Figura 01: Pitty toca pandeiro durante a gravação do *Esquenta!* especial sobre os anos vinte

Localizamos essa vontade de mistura mediada pelo samba quando se propõe associar a cantora Pitty a esse gênero musical (figura 01). Em certo momento da emissão especial sobre os anos vinte, o quadro da gravação é fechado exclusivamente na roqueira, enquanto ela improvisa uma batucada de pandeiro ao vivo. “Olha a Pitty no pandeiro aí, gente!”, diz Arlindo Cruz antes que a plateia bata palmas. Em seguida, Alê Youssef propõe relações entre a cantora e o samba. “A Pitty é roqueira e tal, mas ela tem uma longa história de samba também. Ela foi, durante muitos anos, madrinha do bloco do Baixo Augusta lá de São Paulo” (YOUSSEF, 2014).

O convite à mistura é feito de fato nos minutos que se seguiram. Regina Casé fez um comentário sobre o talento da cantora Cássia Eller e pergunta se Pitty enxergava a cantora como um ídolo. Após dizer que gostava muito de Eller, Pitty é convidada por Xande de Pilares a cantar *O Segundo Sol*. A música ganha novos arranjos no *Esquenta!* e é cantada pela dupla com o ritmo de samba.

Ao fim dessa análise, a reflexão proposta neste trabalho nos mostra importantes possibilidades de compreensão e nos leva a alguns caminhos para que seja possível

compreender o que o protagonismo do samba pode dizer sobre o *Esquenta!* e ao modo como a cultura popular brasileira é entendida no programa.

O país do swing é o país da contradição

Quando buscamos encontrar e analisar as principais mediações que, associadas ao samba, conferiam-lhe o papel de protagonista no programa *Esquenta!*, buscamos entender como o destaque dado a esse gênero musical em detrimento de outros, pode revelar as dinâmicas do programa, bem como a ideia de cultura popular brasileira.

É possível inferir que o programa *Esquenta!* nos posiciona diante da proposta de apresentar diferentes práticas culturais em um terreno comum. Diante do argumento “tudo junto e misturado”, por meio dessa dinâmica, o *Esquenta!* busca que produções culturais diversas interajam entre si. O *Esquenta!*, dessa forma, busca creditar a elas visibilidade midiática e valorização. O que questionamos ao fim deste trabalho é o cumprimento da proposta de mistura cultural levantada pelo programa diante de um notável protagonismo do samba frente a outros gêneros.

A ideia defendida por Regina Casé de “unir o que o mundo separa” é louvável. Sua execução, entretanto, põe à vista as fragilidades de um programa que se firma em contradições e concepções estereotípicas para construir seu argumento. Se observarmos com mais cautela, é possível perceber certa semelhança entre os “encontros” propostos no programa *Esquenta!* e a “noitada de violão” de 1926, a qual fizemos referência no início deste trabalho. Ao procurar aproximar diferentes realidades socioculturais, tal como fizeram Gilberto Freyre e Sérgio Buarque de Holanda quando convidaram Pixinguinha, Donga e Patrício Teixeira para juntos pensarem em um sentido para a cultura popular brasileira, Casé acaba por reafirmar as diferenças e destacar algumas ideias já estabelecidas do que é a cultura brasileira e a identidade nacional.

Analisar a força do samba enquanto mediação no programa nos posiciona diante da percepção construída no *Esquenta!* em torno do gênero, dos processos de valorização que nele incidem, bem como nas expectativas criadas a partir dos sentidos a ele atrelados. Assim, ainda que funcione como um espaço inclusivo aos diferentes produtos culturais, há no programa a incorporação dessas práticas à ideia particular de cultura em que o *Esquenta!* se ampara. A partir das mediações que o programa associa ao samba, é possível compreender em qual definição de cultura popular brasileira o *Esquenta!* se estabelece. O

programa entende cultura como um terreno comum onde as interações e representações são estabelecidas. Nesse espaço de interações, entretanto, a proposta de mistura de estilos tende a ser aglutinada pelo samba, que é, indubitavelmente, protagonista na mediação de diferentes práticas e valores sociais.

REFERÊNCIAS

GOMES, Itânia. **Efeito e Recepção**. Rio de Janeiro, E-papers: 2004.

JANOTTI JUNIOR, Jeder. **À Procura da Batida Perfeita**: a importância do gênero musical para a análise da música popular massiva. Revista Eco-Pós . Rio de Janeiro: Pós-Graduação em Comunicação e Cultura da Escola de Comunicação/ UFRJ, v.6, n.2, 2003 p. 31-46.

_____. **Gêneros musicais, performance, afeto e ritmo**: Uma Proposta de Análise Midiática da Música Popular Massiva. Revista Contemporânea. Salvador: Pós-Graduação em Comunicação e Cultura Contemporânea. Facom/UFBA, vol.2, n.2, 2004, p. 189-204.

JODELET, Denise. Representações sociais: um domínio em expansão. In: JODELET, D. ULUP, L. (Orgs.). **As representações sociais**. Rio de Janeiro: Ed.UERJ, 2001 (p.17 - 66)

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Dos meios às mediações**: Comunicação, cultura e hegemonia. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 1997.

MITTEL, Jason. **Genres and Television**. London, New York: Routledge, 2004.

VIANNA, Hermano. **O Mistério do Samba**. 5ª ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, Ed. UFRJ, 2004.